



GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -
Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos
(Universidade Federal de Pernambuco) -
Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

"Ele não é um bom filho de santo!"

Autoria: Emili Almeida da Conceição

Sob inspiração do work de Rabelo (2016) tentarei explorar aqui, de maneira despretensiosa, a questão da ética a partir do candomblé (religião afro-brasileira). Compreendendo que para pensarmos em termos éticos diante das práticas desta religião primeiro é preciso voltar a atenção para as relações entre diversos tipos seres (considerando as entidades, por exemplo). E depois, para os contextos práticos, onde os processos de responsabilização e julgamento emergem. A partir da história de um adepto, de um terreiro localizado na periferia da cidade de Salvador-Bahia, de algumas vivências em campo e de leituras como as de Caroline Humphrey (1997) e Joel Robbins (2015) procuro refletir acerca dos modos como um candomblecista (praticante da religião) pode ser avaliado como um bom, ou mau, filho de santo (termo também utilizado para fazer referência aos adeptos). Para além do cumprimento de regras de conduta e da hierarquia presente no terreiro, argumento que é preciso atentarmos para as práticas de cuidado de si e dos outros, que envolvem estas relações, como práticas éticas.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

